

**Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade do Estado do Mato Grosso  
Cáceres - Mato Grosso - Brasil**

Revista da Faculdade de Educação. Vol.38 - N.02 (JUL /DEZ) / 2022  
ISSN: 2178-7476



**O PAPEL DA ARTE NO ENSINO: UMA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA WALDORF**

**THE ROLE OF ART IN TEACHING: A PERSPECTIVE OF WALDORF'S PEDAGOGY**

**EL PAPEL DEL ARTE EN LA ENSEÑANZA: UNA PERSPECTIVA DE LA PEDAGOGÍA WALDORF**

Maíra de Oliveira Martins

Mestre em Educação, UNESP – Campus Marília; pesquisadora; PPG Educação – Unesp Marília; Marília/SP – Brasil. Email: maira.martins@unesp.br. Orcid: 0000-0002-5674-3482.

**Resumo:**

Neste trabalho apresentamos reflexões acerca do papel da Arte no ensino. Atualmente, podemos até interrogar o que é Arte, na medida em que nos tornamos cada vez mais distanciados dela na vida contemporânea. Desse modo, apresentamos uma perspectiva a partir dos pensamentos de Rudolf Steiner sobre o que é e qual a função da Arte para o ser humano. A partir da pesquisa bibliográfica, apresentamos algumas reflexões da importância do desenvolvimento do sentido artístico para a Pedagogia Waldorf, bem como algumas possibilidades de atuação artística, argumentando suas forças no desenvolvimento infantil. Chegamos ao pensamento de que é necessário ao ser humano atual recorrer à Arte como forma de desenvolver-se enquanto individualidade, na medida em que se torna cada vez mais evidente a necessidade da consciência humana se unir à matéria, ou seja, uma integração entre ser humano e o mundo.

**Palavras-chave:** Pedagogia Waldorf, Arte, Rudolf Steiner.

**Abstract:**

In this work we intend to elaborate reflections regarding the role of art in teaching. Currently, we may even question what art really is, as we become increasingly distant from it in our contemporary life. This way, we present a perspective based on Rudolf Steiner's thoughts over what is and what's the purpose of art for the human being. Throughout bibliographic research, we have presented some reflections of the artistic sense development relevance for Waldorf's pedagogy, as well as some possibilities of artistic performance, arguing its strengths in child development. We have come to the conclusion that is necessary to the current human being to resort to art as a way of self development as an individuality, as well as the necessity of human consciousness joining the subject becomes increasingly more evident, that is, an integration between human being and the world.

**Keywords:** Waldorf Pedagogy, Art, Rudolf Steiner.

**Resumen:**

En este trabajo pretendemos elaborar reflexiones sobre el papel del Arte en la enseñanza. Actualmente, podemos incluso cuestionarnos qué es el Arte, en la medida que nos alejamos cada vez más distante de él en la vida contemporánea. De esta forma, presentamos una perspectiva basada en los pensamientos de Rudolf Steiner sobre lo que es y cuál es la función del Arte para el ser humano. A partir de la búsqueda bibliográfica, presentamos algunas reflexiones de la importancia del desarrollo del sentido artístico para la Pedagogía Wardolf, así como algunas posibilidades de actuación artística, argumentando sus fortalezas en el desarrollo infantil. Llegamos al pensamiento de que es necesario que el ser humano actual recurra al Arte como una forma de desarrollarse como individualidad, en la medida en que se hace cada vez más evidente la necesidad

de la conciencia humana unirse con el asunto, o sea, una integración entre el ser humano y el mundo.

**Palabras clave:** Pedagogía Waldorf, Arte, Rudolf Steiner.

### **Introdução: Arte e Educação Waldorf**

No atual momento em que nos encontramos, nos perguntamos: o que é Arte? Pois, devido ao caminho em que a humanidade percorreu ao longo da história, o pensamento lógico e abstrato se tornou o centro de todo o conhecimento, deixando de lado outras potencialidades humanas, resultando numa diminuição da importância do papel da Arte na sociedade contemporânea. Podemos até dizer que a concepção de Arte nos escapa às mãos, na medida em que não temos muita certeza do que ela se trata.

Nas épocas grega, medieval e renascentista vemos o modo de expressão artístico que possibilitava o despertar para os conteúdos da vida de uma maneira bem distinta da atual. A Arte era vivenciada como modo de vida dos indivíduos, sendo seu conteúdo expressões de religiosidade, pensamento, estética etc. Os gregos, por exemplo, vivenciavam a Arte até no próprio corpo, como atributo a ser contemplado, além da música, dança, jogos, concebidas como expressão da Arte vigente. “A ginástica era utilizada com o objetivo de proporcionar força e beleza [...]. Um grande exemplo disso são as esculturas [...]. Por sua vez, a Música e a Poesia tinham a função de trabalhar o intelecto, proporcionando um desenvolvimento integral do homem grego” (CASSIMIRO *et. al.* 2012, p. 72). A mentalidade na qual o homem grego vinha construindo partia da concepção de harmonia entre corpo e alma. Deste modo, a Arte não se tratava de uma nova compreensão do ser humano, mas, principalmente da expressão desta mentalidade, concebida principalmente pelos filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles (Cassimiro, 2012). “Os gregos, além de contemplar a natureza em sua total harmonia, buscava exprimir em suas obras o entusiasmo pela vida, suas paixões e deleites, considerando a perfeição e a busca do belo como atributos essenciais que se refletiam no corpo.” (MEDEIROS, 2011, p. 1).

Deste modo, o interesse ia se dirigindo cada vez mais para o homem terrestre e, com o impulso da mitologia, até as características divinas foram assemelhando-se às do homem terrestre. A Arte, então, era figurada a partir do antropocentrismo (Medeiros, 2011), conferindo medidas e formas, e até virtudes dos deuses à forma dos homens. No que tange à religiosidade grega, a própria morte era expressa artisticamente, como demonstra Sarian (1995) nas expressões figurativas de Thánatos e Hypnos, sendo compreendida através do Mito da Morte e do Sono sendo irmãos gêmeos, filhos da Noite.

Esse modo de vivência artística encontramos profundamente inserido no povo grego, conferindo à esfera da Arte uma forma de compreender o mundo e a vida. A personificação dos deuses elucidava as características humanas em relação com o universo criador. Sarian (1995, p.

63) observa no que tange aos conteúdos vívidos que “quando se fala em personificação de Morte e Sono [ou qualquer outra manifestação da vida], deve-se ter em mente a especificidade do termo “pessoa” em se tratando da religião grega, cujos traços característicos são “de dar às forças do além uma figura individual [...]”; nem por isso entendem-se como “pessoas”, mas unicamente como “forças” (VERNANT: 277 e 278, *apud* SARIAN, 1995, p. 63). Ou seja, na arte expressa uma filosofia de vida, na medida em que se contempla e ilumina a consciência a partir da criação pictórica, plástica, literária etc., conservando e desenvolvendo o homem grego integral. Em suma, “o artista grego, - em sua constante busca da perfeição - , cria uma arte de elaboração intelectual em que predominam o ritmo, o equilíbrio e a harmonia ideal. Eles tinham como características: o racionalismo; o amor pela beleza e o interesse pelo homem [...]” (MEDEIROS, 2011, p. 2).

Já na Idade Média a Arte ganhou novas concepções e passaram a ser vivenciadas a partir do ideal do Cristianismo romano. Arte, que na época grega que era conferida à sua filosofia racionalista e antropocêntrica, agora, é conferida ao Cristianismo (Nunes, 1975). Tatsh e Nascimento (2022) demonstram as artes medievais nos relicários cristãos. Segundo as autoras, a materialidade como simbolismo cristão era a característica da Arte na Idade Média, de modo que era empregada a partir de uma história simbólica e qualidade do material físico, “pois negociavam entre o mundo do espírito (os fragmentos dos corpos sagrados ou objetos que os tocaram) e o mundo da matéria” (TATSH e NASCIMENTO, 2022, p. 59). Conforme observa Nunes (2011, p. 13), essa ideia para os medievais era sugerida na própria bíblia, na qual em Êxodo (Ex. 11: 2,3,35) “o próprio Deus ordena que os judeus, com os despojos dos egípcios – vasos de prata e de ouro, vestimentas – fabriquem os objetos necessários ao culto divino”. Nas pinturas bizantinas, “é fácil notar que o dourado é a cor consagrada do céu medieval, [...] que simboliza o quão rico é este lugar para uma cultura essencialmente teocêntrica” (CARUSO, 2010, p. 1).

Deste “estado mental religioso medieval” (CARUSO, 2010, p. 1, *grifo do autor*), nasce uma nova forma de orientação filosófica-científica, de modo que no século XIII se iniciava a propagação da língua escrita, antes ofertada apenas a ambientes limitados. No campo das artes, da influência bíblica surge uma outra, a influência da natureza. “É de São Francisco a ideia de que há outro livro diferente da Bíblia que pode nos levar a Deus: *O livro da Natureza*, construído a partir da observação de como realmente ela é.” (CARUSO, 2010, p. 3). Disto resultou numa visão mais humanista e realista do mundo, tangenciando a construção da Ciência, uma vez que, a partir de então, as obras passaram a ser elaboradas com base na observação da natureza.

Nesta reforma no campo das Artes, começa-se a preocupar com o conceito da Verdade e como buscá-la, dando início ao período renascentista, compreendendo como o período em que se preza pelo naturalismo, bem como a matemática e geometria. Caruso (2010) cita Leonardo Da Vinci como um expoente do Renascentismo, pois para o pintor, “tanto a Arte como a Ciência são provenientes da natureza, produzidas pela imaginação e pela razão, respectivamente. E tanto a

razão como a imaginação seriam tomadas como diferentes maneiras do homem criar e dar forma” (CARUSO, 2010, p. 4). Desse modo, as pinturas ganham novos conceitos geométricos, proporcionando a perspectiva, de modo que a Arte não se revista apenas de simbolismo, mas também proporciona vida e significado perceptivo na tridimensionalidade pictórica. Destarte, promove um novo tipo de relação com o mundo, marcando um “presságio da ruptura com o pensamento medieval, que não deve ser entendido como um fato cultural isolado; na realidade, preanuncia o início daquilo que podemos chamar de “segunda geometrização da física””. (CARUSO, 2010, p. 5). Portanto, no Renascimento, “A Arte era concebida [...] como uma ‘Ciência da representação da Natureza’”. (BARROS, 2008, p. 76), e que tinham por validade a observação, a experimentação e a geometria.

Henriques (2016) elaborou um apanhado de estudos sobre as formas geométricas em diversas pinturas que constataram relações universais entre as formas e proporções destas e a natureza. Dentre eles, menciona estudos que descobrem as relações entre sistemas proporcionais e propriedades matemático-geométricas com o crescimento das plantas ou formação das conchas. “É este o intrincado conjunto de entidades geométricas usado por alguns artistas como auxiliar prévio da sua composição, as quais – na sua acepção – lhes permite participar de uma *ordem universal*, a mesma que encontram expressa no número ou na música, e na sua tradução formal, a geometria.” (HENRIQUES, 2016 p. 43, *grifo do autor*).

Peneda (2016) colabora com essas reflexões ao analisar o percurso teórico e artístico de Kandinsky, pintor abstracionista russo do século XIX. Embora em quase dez séculos a frente do renascentismo, nas obras do pintor jazia uma sabedoria o qual que traduzia em formas conteúdos sutis, não concretos. O pintor possuía conhecimento sobre as relações entre a natureza e suas formas que revelavam uma sabedoria, uma geometria sagrada<sup>1</sup>. Kandinsky retratava um mundo sutil e uma sabedoria o qual escapava à visão cotidiana, mas que poderia ser acessada por meio de conhecimentos específicos; suas obras “[...] procuraram acender e dar forma (abstrata) a essa realidade interna (espiritual), no fundo, a esses planos mais sutis. O objetivo seria captar as matrizes originais, arquetípicas, por detrás da manifestação visível [...]” (PENEDA, 2016 p. 94). Apesar da geometria em suas pinturas, as obras deste autor diferem substancialmente das obras renascentistas, pois o pintor não pretendia retratar uma realidade natural, tal qual a renascentista, mas sim uma realidade espiritual, configurando um novo paradigma artístico. Podemos compreender este novo paradigma a partir da perspectiva de Goethe.

Em seus estudos sobre diversos campos, Goethe desvendou um modo de se acessar à ideia propriamente dita daquilo que se pretende conhecer (STEINER, 1980). Atribuiu à Arte uma forma de acessar o conhecimento, ou seja, à ideia. Isto é um paradigma novo, pois Goethe defende uma Arte baseada em si mesma, desprovida de subjetividade e simbolismo de ordem meramente humana.

---

<sup>1</sup> Termo atribuído a Platão, baseia-se na ideia de que as formas geométricas constituem-se a sabedoria divina, provinda de uma matriz original da criação. (PENEDA, 2017).

---

Goethe defende uma Arte como uma fonte de onde provém conhecimento sobre o ser humano, mundo e cosmo, na qual a criação humana confere conteúdo ideal (mundo das ideias) à forma.

Pois a importância capital de Goethe reside justamente no fato de sua arte fluir do *manancial de todo ser* e de não conter nada de ilusório nem de subjetivo, aparecendo ao contrário como nuncia das leis que o poeta desvendou ao dialogar com o Espírito Cósmico nas profundezas do ser da natureza (STEINER, 1980, p. 102, *grifo do autor*).

Diferentemente do naturalismo, procura-se buscar não somente aquilo que é dado aos sentidos, por meio da observação, mas adentrar profundamente no campo da ideia a qual nasceu o objeto. No que se refere a Goethe, diz Steiner (1980, p. 102), “sua missão consiste em discernir essa tendência pela ciência e plasmar pela arte essa tendência”.

Steiner, por sua vez, adepto a este paradigma, amplia este conceito de Arte ao ramo das Ciências Humanas, recriando a Arte na Educação. Em relação à Arte e o homem: “A dignidade do homem acha-se elevada pelo fato de ser sempre cruelmente destruído o que criou; pois tem sempre que voltar a criar e plasmar; e nossa felicidade está no que fazemos e realizamos” (STEINER, 1980, p. 93). No que diz respeito à Educação, a Arte se refere ao um modo de produzir conhecimento, muito além do que apenas acessá-lo. Tanto a ideia de Ciência quanto de Arte é concebida como objeto de atuação do ser humano para desvendar seu conhecimento. Enquanto na ciência realiza-se uma espécie de redução do nível sensorial ao puramente ideal, na arte realiza-se uma introdução, ampliação da ideia ao nível sensorial. No campo da Educação, “se evidencia como o verdadeiro artista deve haurir diretamente da fonte primordial de todo o existir, como ele imprime em suas obras o elemento necessário que, na ciência, nós procuramos idealmente na natureza e no espírito”. (STEINER, 2004, p. 112).

Romanelli (2016) corrobora com esse tema. Esta ideia da Arte está contida na Pedagogia Waldorf. Os pressupostos teóricos de Rudolf Steiner baseiam-se na influência goetheana, em que propõe uma visão artística do mundo, sobretudo para conhecê-lo, e na proposta de Schiller sobre a importância da estética e sua educação para o ser humano (ROMANELLI, 2016).

Nesse sentido, esta proposta educacional carrega consigo essas acepções de mundo, natureza, ser humano e Arte, demonstrando que no verdadeiro artístico, há mais do que representações pictóricas ou esculturais, há uma sabedoria. “Steiner [...] afirma que se aproximar da visão de homem através das leis da natureza é entrar no terreno da Arte. Ele considera o homem como “a criação artística da natureza”” (ROMANELLI, 2016, p. 185). O ser humano, então, com sua capacidade artística, pode simplesmente imitar a natureza ou apreendê-la, de modo a compreender manifestações, aspectos do mundo, ampliando sua visão sobre ele. No entanto, é capaz de conhecer a sua relação com o mundo, sendo capacitado, pois, a criar junto com ele. “A ciência desvenda na natureza as leis que a regem; a arte não menos, só que ainda as implanta na matéria bruta”. (STEINER,

2004, p. 112). Baseando-se nesse conceito de Arte, a metodologia Waldorf possui por preocupação o desenvolvimento, dentre outras, dessa capacidade humana, para que o verdadeiro conhecimento seja alcançado.

Na prática, ao ouvir um conto de fadas, narrado artisticamente pelo professor Waldorf, a criança forma ativamente imagens em sua alma. Essas imagens surgirão no momento que ela for solicitada a desenhar o que lhe foi transmitido através das palavras. O exercício constante dessa e de outras atividades similares fortalecem suas potencialidades de criação, pelo fato de que nessas ações reside a maneira diferenciada de enxergar o mundo (ROMANELLI, 2016, p. 186).

Essa proposta educativa leva a criança a um perceber do mundo que passa pelo imaginativo, através do belo, para chegar ao mundo real. Com influência schilleriana, acredita-se que através da beleza a criança, o ser humano em geral, desenvolve o pensamento; por meio do belo o ser humano encontra o mundo sensível, com suas formas, e ao mesmo tempo, encontra o seu ser espiritual contido no mundo sensível. Desse modo, a sensação leva ao pensamento, num relacionamento em que permite o conhecimento do mundo, o qual o ser humano é cocriador. “Isto significa que o homem se autocria por meio de sua ação criadora sobre a matéria que ele transforma, sugerindo novamente a ligação do processo artístico com o desenvolvimento da cognição.” (ROMANELLI, 2016, p. 187).

O propósito desse trabalho, portanto, é enfatizar o papel da Arte no ensino, demonstrando, sobretudo, a proposta Waldorf como possibilidade da atuação artística, por um lado, e, por outro, refletir sobre quais aspectos as Artes podem, e necessitam ser vistas, para que se torne promotora do desenvolvimento do humano saudável. A partir da pesquisa bibliográfica, apresentamos, dentro das possibilidades que cabem estas páginas, reflexões acerca deste tema a partir da perspectiva da Pedagogia Waldorf.

De acordo com Steiner (2012), a ciência das Artes foi criada a partir da necessidade do ser humano. A Arte, enquanto tal, nos é necessária desde os tempos primórdios da natureza e da humanidade; no entanto, a forma de vive-la foi mudando ao longo do desenvolvimento das culturas. Encontramos, primeiramente, a Arte grega, que demonstrava a abundância que se encontrava a natureza, representando a ingenuidade da qual é o homem original, ou seja, encontrar na natureza a abundância de que deseja o coração e o espírito, não emancipando-se, portanto, dela. “Desta maneira, a Arte só constituía, para esse povo ingênuo, uma extensão do viver e atuar dentro da natureza – nascendo, portanto, imediatamente dela.” (STEINER, 2012, p. 13).

O princípio da Arte era a imitação da natureza e ocorria bem enquanto a consciência era ingênua. Contudo, a partir do desenvolvimento desta, na medida em que o ser humano se reconheceu com clareza, com autoconsciência, encontrou um novo mundo, ampliando o exterior com o mundo interior. Destarte, o resultado não poderia ser outro senão o desprendimento da natureza. Daí surge uma nova possibilidade para a Arte, pois os anseios e desejos, agora, surgem para o homem através de seu mundo interior. A harmonia desse desprendimento necessita ser restabelecida, uma vez que nascem os conflitos entre ideal e realidade, porque a natureza não mais os responde, anunciando

---



---

um outro mundo originário do ser humano, o “mundo do divino”. Esse distanciamento caracteriza o contrário da Arte grega, de modo que a representação é a fuga da realidade imediata. “Assim como este [o grego] encontrava tudo na natureza, a cosmovisão subsequente nada encontrou nela. E é à luz deste critério que se nos deve apresentar a Idade Média Cristã.” (STEINER, 2012, p. 14). Ao passo que o grego não conseguia fazer Arte sem a natureza, sendo embebido por ela e, portanto, sem nenhuma compreensão, os medievais não conseguiam compreendê-la sem a presença de Deus; não era concebível a criação de obras de Arte que inspirassem o espírito humano sem o mundo do divino. Deste modo, ambos os momentos históricos se apresentaram com “amarras”, seja da natureza, seja de Deus. A ciência das Artes só pôde surgir a partir do momento em que o ser humano se desprende da natureza circundante, conhecendo-se como autoconsciência, e, por outro lado, desprende-se, em certo sentido, das “amarras” de Deus, encontrando-se como espírito em sua nitidez, capaz de confluir novamente com a natureza e o mundo do divino.

Agora, podemos observarmo-nos como indivíduos localizados na perspectiva do perecível e do finito, enquanto tal. Porém, o espírito humano aspira algo que é eterno, busca o universal, o arquetípico. O espírito humano busca o retorno à sua natureza, mas não pode fazê-lo sem a consciência desenvolvida, sua riqueza inestimável. Só o consegue a partir das conquistas e erudição à qual a época moderna proporciona, não retrocedendo e retornando à antiga forma de viver e se relacionar com o mundo.

Enquanto a experiência não consegue conciliar os opostos – pois só possui a realidade, e não mais a ideia –, a ciência, embora possua a ideia, tampouco chega a esta conciliação por lhe faltar a realidade. Entre ambos, o homem necessita de um novo reino, de um reino em que já o particular, e não apenas o todo, representa a ideia – de um reino em que o indivíduo já se apresenta de uma forma que expressa o caráter da universalidade e da necessidade. Tal mundo ainda não existe na realidade; um mundo como esse, o próprio homem tem de criar: trata-se do mundo da Arte – um terceiro reino necessário ao lado dos sentidos e da razão (STEINER, 2012, p. 20).

Encontramos os conceitos e seus pressupostos da Arte na perspectiva que se adota neste trabalho. Uma Arte e uma beleza que tem por objetivo, com efeito, trazer o espírito humano ao retorno de sua natureza, universal. Trata-se da reconciliação entre o mundo e o homem por meio da Arte.

### **A Arte no ensino Waldorf**

Considerando as ideias de Steiner a respeito da Arte, mencionadas acima, ainda que brevemente, podemos nos perguntar: de que maneira se insere a Arte na educação Waldorf? Para responder a esta questão é necessário, primeiramente, elucidar a perspectiva de ser humano o qual embasa todo o método de ensino. Rudolf Steiner (1861-1925), filósofo e educador austríaco, foi o fundador da Pedagogia Waldorf. A fundamentação teórico/prática desta pedagogia, chamada

Antroposofia, também fora desenvolvida por ele, a partir de seus estudos sobre teosofia (STEINER, 2019). A concepção de ser humano que se adota é de um ser tri/quadrimembrado. Ou seja, em sua constituição, o ser humano possui um corpo, alma e espírito. O corpo refere-se ao físico, este que nos possibilita estar e atuar no mundo. O espírito trata-se, com efeito, de algo bem concreto e vivo, não sendo abstrato e imensurável, qual a metafísica discorre. Observamos o aspecto espiritual do ser humano na medida em que percebemos o pensamento e a consciência humana. “É nossa parte espiritual na qual construímos um mundo interno, comunicando com o mundo externo.” (MARTINS; STOLTZ, 2021, p.114). E a alma corresponde a uma intermediária, uma “ponte” para o que vem ao encontro do ser humano a partir do mundo externo, através dos sentidos, e do mundo interno, com os pensamentos e representações, por meio dos sentimentos e sensações. Em linhas gerais, a alma faz essa intermediação entre o físico e o espiritual, entre o efêmero e o eterno em nós. Contemplando esta trimembração do ser humano, encontramos em seu aspecto físico, além de sua forma, sua funcionalidade. A vitalidade, fluxos e ritmos do corpo físico correspondem ao que Steiner denomina ‘corpo<sup>2</sup> etérico’ ou vital. Em sua alma, encontramos toda a atividade emocional do ser humano, denominada como ‘corpo astral’, na medida em que compõe a vida afetiva, sensitiva individual. No espírito, encontramos o “eu” humano, em que é possível ter a consciência do mundo ao redor, do mesmo modo como autoconsciência. Nesse sentido, do ser humano trimembrado: corpo, alma e espírito, constitui-se a quadrimembração: corpo físico, corpo etérico, corpo astral e “eu”. A alma, por sua vez, possui uma íntima relação com a esfera espiritual e física do homem; por meio do corpo astral, permite o relacionamento entre sua constituição físico/corpórea e a afetiva/espiritual (consciente). O desenvolvimento do ser humano, portanto, permeia por esses aspectos, de modo que seus “corpos” são desenvolvidos ao longo da vida.

Desta forma, nesta perspectiva, observa-se a criança como um indivíduo que possui essa constituição em potencialidade, que precisa, portanto, ser desenvolvida a cada etapa da vida. Essas etapas, por sua vez, são desenvolvidas em torno de sete/oito anos, denominados os setênios (STEINER, 2012a; 2013). Então, a partir do nascimento, ocorre o ‘des-envolvimento’ desses corpos na criança: corpo físico, corpo éterico ou vital, corpo astral e “eu”, resultando em um desenvolvimento de aproximadamente 21 anos. E este possui uma íntima relação com as forças da vontade, do sentimento e do pensamento, sendo o primeiro setênio (0 a 7 anos), desenvolvimento do corpo etérico: a vontade; o segundo setênio (7 a 14 anos), desenvolvimento do corpo astral: o sentimento; e o terceiro setênio (14 a 21 anos), desenvolvimento do “eu”: o pensamento. O corpo físico já está formado no nascimento da criança.

É a partir desta visão, então, que a Arte é inserida no contexto pedagógico Waldorf. Diferentemente das pedagogias tradicionais, a Arte no ensino Waldorf possui uma outra qualidade,

---

2 “Corpo” designa apenas uma imagem de uma parte da constituição humana. Steiner refere-se aos aspectos da constituição quadrimembrada do ser humano como corpos, mas nada possuem de relação com o corpo físico o qual conhecemos (STEINER, 2012a).

---



---

e, portanto, é vista mais amplamente do que somente ministrar uma disciplina ou ensinar conceitos e técnicas artísticas. A cultura moderna supervaloriza o intelectual na escola, na crença do sucesso no desenvolvimento da criança, futuramente. No entanto, para Steiner (2008), o sucesso do desenvolvimento infantil é alcançado na medida em que, ao lado das capacidades lógicas, intelectuais e morais, surja uma outra capacidade, um novo sentido humano: o sentido artístico.

Somente conceitos e ideias não são capazes de tornar o mundo compreensível, sobretudo o ser humano. Partindo desta concepção de homem, não é possível ao indivíduo compreender a si próprio e ao mundo sem a capacidade artística, uma vez que, enquanto consciência, sentimos a necessidade de dar sentido a natureza em nossa volta, que significa retornar ao mundo do qual nos encontramos, mas fomos diferenciados.

Devemos permitir ao conhecimento desembocar na Arte, e assim chegaremos à utilização do sentido artístico. Enquanto só deixarmos valer a Ciência Natural, deveremos dizer: *Jamais se compreenderá como a consciência está ligada à matéria*. Mas, se permitirmos aos conceitos e às ideias da Ciência Natural desembocarem na concepção artística, é como se caíssem de repente as vendas dos olhos. Tudo que pertence à esfera das ideias passa a ser visão artística interior, e o que então se vê, envolve, de certa forma, a essência do homem, tal como as cores captadas pelos olhos envolvem as flores e outros seres da Natureza (STEINER, 2008 p. 23).

Por meio desta compreensão é possível ao educador inserir a Arte no seu processo de ensino. Observa-se que não se trata de ensinar a arte, mas de vive-la!

Em suma, a definição da Arte no ensino Waldorf consiste na harmonia e organização entre o ser humano e a natureza, interna e externa, de maneira a trazer o desenvolvimento saudável ao ser humano como um todo. Trata-se de permitir a sensação de organização sadia interior por meio do sentido artístico, da mesma forma como o corpo possui a sensação sadia quando consome alimentos saudáveis. “O conhecimento do ser humano nos leva a entender que a consciência é uma artista que trabalha artisticamente sobre a matéria corporal humana” (STEINER, 2008, p. 26). O sentido da Arte no ensino, então, é trazer a atividade humana espiritual para o mundo. E assim, quando observamos uma criança, é à arte que recorremos para compreendermos o que esta criança traz consigo como impulsos do seu desenvolvimento. “Quem se coloca desta forma diante do ser humano em amadurecimento, [...] e olha para o que está crescendo nele, verá muito através deste conhecimento atingido por meio do sentido artístico e carregado sobre as asas do amor” (STEINER, 2008, p. 27).

Podemos tomar por exemplo o brincar da criança. A partir da visão artística perante a criança brincando, observa-se algo muito além de uma brincadeira. No brincar infantil há uma seriedade; a criança brinca de maneira séria, projetando todas as suas potencialidades ao manusear, organizar os objetos do mundo externo. Quem observar desta forma, contemplará que, ao brincar, a criança está se preparando para atuar no mundo, para, futuramente, atuar no mundo do trabalho social. A arte será inserida, a partir deste ponto, de maneira que a criança permaneça com essa força do trabalho

ao longo de seu desenvolvimento. “Devemos ter a possibilidade de trazer a arte nos primeiros anos escolares, [...] de forma que tudo que é feito seja deduzido das necessidades que reconhecemos no ser humano em desenvolvimento. Desta forma conduziremos a atividade lúdica que a criança tinha praticado até então para a atividade artística” (STEINER, 2008, p. 31).

Considerando estas necessidades a partir do desenvolvimento de cada setênio, na prática Waldorf se adota várias formas de atuação na Arte. Para se contemplar as tendências e possibilidades trazidas pela própria criança, em sua alma, trabalha-se com as atividades pictóricas e plásticas: a pintura, a aquarela, trabalhos com as cores e a argila. Mesmo que de maneira desajeitada, a criança expressa suas tendências da alma, expressando o que se deve ser estimulado em sua vida. Atentemos que não se trata de aptidões para a pintura, Artes plásticas etc., a criança expressa nessas atividades o que traz consigo enquanto individualidade, não características para a vida profissional ou “talentos”. A partir do manuseio de suas mãos, observa-se as limitações e habilidades que a criança expressa em sua vida; a própria argila, a madeira etc. são ferramentas de expressão das mãos humanas, que, por sua vez, são os órgãos de expressão da atuação no mundo, da vontade.

Aprende-se a identificar e acompanhar sua força como individualidade, quando contemplamos o desenvolvimento da criança no poético e musical no cotidiano escolar. Com essas atividades artísticas, acompanhamos o quanto a criança é capaz de dirigir o seu ser para o mundo, a partir das forças aos quais traz consigo em sua constituição que liga ao aspecto eterno da vida, o espiritual. E, ao possuímos essa percepção, conseguimos estar diante da criança de uma maneira vívida, concreta e verdadeira. “Quando se consegue despertar o espírito e a alma da criança, se aprende a lecionar. Aprende-se a lecionar de tal forma que o ensino é, ao mesmo tempo, promotor da saúde e do crescimento, é estimulante de forças saudáveis para toda a vida.” (STEINER, 2008, p. 34).

A Arte no ensino Waldorf traduz um caminho o qual leva o indivíduo à sua essência, à sua totalidade. Ou seja, percorre outras veredas para além do intelecto, são as veredas sentimentais, vividas; a isto Steiner denomina o ensino estético. Segundo Bach Jr. e Marin (2012), a palavra estética vem do grego e possui o significado de experienciar a si próprio e ao mundo integrados. A partir do papel criador, manifestador, da essência humana na Arte, é possível à criança perceber a beleza existente no mundo e conquistar vias da transformação deste; aquilo que é bélico transforma-se em belo. “O objetivo da experiência estética na prática Waldorf é a educação pelo sentimento, que denominaremos também educação estética.” (BACH JR.; MARIN, 2012, p. 22). Nesse sentido, encontramos o desenvolvimento do sentimento no segundo setênio da criança, de maneira que seu corpo astral está se emancipando das forças corpóreas e se tornando autônomo em sua alma. “De fato, é mediante seu corpo astral que o ser humano se familiariza, no mundo exterior ao seu redor, com o que o próprio ser humano produz.” (STEINER, 2019, p. 243).

Por isso, é necessário à criança, neste período, o ensino baseado numa educação do sentimento. Com o corpo astral, nos libertamos das questões de tempo e espaço, uma vez que a vida

---

emocional e psíquica transcende estes aspectos concretos; no entanto, é necessário à criança que se torna um jovem se inserir de maneira correta no mundo concreto e vivo. Desta forma, o ensino estético possui o objetivo de conduzir a alma infantil nos aspectos práticos da vida; desenvolvendo o sentido artístico que é possível à criança se inserir de maneira correta no mundo, educando seu sentimento, vivenciando o belo e introduzindo sua individualidade na atuação do mundo.

À criança, é necessário ter a possibilidade de vivenciar o todo, de maneira que vivencie também as partes. Assim, quando apresentamos metade de um desenho, a criança sente a necessidade de completar o que falta, sente a necessidade de contemplar o todo. Esse é o ensino estético: possibilitar a inserção da criança, das partes do mundo, em um todo.

[...] é preciso fazer com que a criança perceba ser necessário fazer a outra parte, não considerando o desenho pronto enquanto essa outra parte não estiver presente. Então eu desenvolvo o senso de beleza imediatamente vivo. [...] Eu resgatarei da criança o que realmente torna o corpo astral móvel em si, o que leva o corpo astral a ser um membro funcional no ser humano (STEINER, 2019, p. 253).

É necessário à criança a aprender pela vivência, de modo que autorize a sua alma a sentir a falta do complemento. Isto a possibilitará abranger a Arte enquanto complementadora do processo de conhecimento, como complemento da tríade: realidade (experiência) – ideia (pensamento) –, acrescentando a terceira: expressão artística da particularidade do Todo (sentimento). Nesse sentido, em toda a vivência escolar Waldorf há o cultivo desta proposta, na medida em que a vivência da Arte traduz o caráter da necessidade do ser humano, de modo a ser atendida sob diversas possibilidades na escola.

### **Possibilidades artísticas da Pedagogia Waldorf**

Compreendendo a concepção e os objetivos de se inserir a Arte na Pedagogia Waldorf, destacamos algumas práticas, de forma a tornar mais concreta a possibilidade de atuação docente, fornecendo inspiração para um atuar mais integral, conforme a teoria propõe. Lima (2018) fundamenta o ensino artístico como possibilidade de aprendizagem; observa a intelectualização que a escola vem sofrendo, de maneira a enfraquecer outras potencialidades da criança, prejudicando seu desenvolvimento integral. Bach Jr. e Marin (2012, p. 25) ressaltam para o valor intrínseco do ensino estético da Pedagogia Waldorf, que é o de proteger a criança do “[...] avalanche de estímulos fragmentados aos sentidos, servindo como um escudo às incessantes exposições do que é sem vida.”

Nesse sentido, Lima (2018) apresenta práticas artísticas como forma de integralização do desenvolvimento da criança, promovendo sua aprendizagem. Na prática Waldorf, os trabalhos artísticos se iniciam na Educação Infantil, permeando toda a vida escolar da criança e jovem. As atividades, entretanto, vão mudando de qualidade e complexidade, resultando, na adolescência, em trabalhos artísticos de construção de ferramentas e/ou objetos. A autora destaca algumas práticas:

---

a) desenho de formas, que contribui para o desenvolvimento do corpo etérico; as linhas e curvas desempenham um papel de fluxo, fortalecendo o aspecto vivo e dinâmico na criança. “A ocupação com o desenho de formas está relacionada com a geometria, que é recomendada desde o primeiro dia de aula.” (LIMA, 2018, p. 7). b) As cores, que transmitem a vivência de cada criança, a partir da sensação a qual a cor desperta. Do mesmo modo, desperta o senso de harmonia entre as cores e tons. Na escola Waldorf, a pintura em aquarela é fundamental, o papel úmido permite à cor “dançar” e se misturar com outras, desenvolvendo a leveza e harmonia entre elas. Isto é sentido pela criança, permeando o seu ser.

Na vida cotidiana, mais tarde, as figuras, ilustrações, formas, cenas, terão naturalmente uma percepção mais apurada da harmonia entre cores. c) Trabalhos manuais, como tricô, crochê, entalhe em madeira, modelagem em argila, trabalhos com metais e cerâmica; todos esses são trabalhos com as mãos, “[...] está relacionado com a natureza dos pensamentos e ideias flexíveis, fazendo surgir do trabalho manual o próprio intelecto, preparando-o para ativar o pensar” (LIMA, 2018, p. 9). De maneira gradativa, a criança vai ampliando suas atividades manuais, aumentando o grau de dificuldade e expansão, proporcionando o desenvolvimento do seu senso artístico e estético. “Os resultados desses exercícios não se resumem a obras de arte, mas no aperfeiçoamento de aptidões e no desejo de conjugar arte e ciência, visando a participação de ambas.” (LIMA, 2018, p. 11).

Complementam Cardoso e Záphas (2021) o aspecto social dos trabalhos manuais do jovem adolescente. Por um lado, os trabalhos são compartilhados com a sociedade, de maneira a vendê-los em feiras, ou utilizados para o trabalho prático cotidiano. Mas, por outro, “A juventude ao entrar em contato com atividades primárias da humanidade (fiar, tecer, pintar, esculpir etc.) agrega respeito ao trabalho manual, sensibilidade pela qualidade do objeto ou da atividade realizada, além de trabalhar perseverança e capricho” (CARDOSO; ZÁPHAS, 2021, p. 679).

Lembramos também a música e poesia como atividade artística. A música na prática Waldorf possui um significado social: a inclusão de todos, na medida em que se sente, pensa e age de maneira conjunta, objetivando a harmonia entre todos. Só resultará numa bela e boa música quando partir da atuação conjunta das crianças, respeitando o ritmo e esperando pelo próximo. A função desta prática musical é a harmonização, seja entre a canção e o canto, como também entre indivíduos na performance, formando um elo comunitário. “[...] é o próprio mundo dos tons que estabelece o modelo arquetípico da atuação social!” (WEBECK-SVARDSTROM, 2004, p. 160 *apud* BACH JR.; MARIN, 2012, p. 26).

Este princípio também se aplica aos versos; as recitações durante as aulas permitem a expressão, pela laringe de cada criança, abrangendo o todo da classe, de maneira a universalizar os conteúdos recitados. A dimensão da palavra na arte possui uma grande importância, na medida em que atesta o conteúdo vivo do ensino. Por isso, tanto na música como na poesia o tom, a maneira de se pronunciar a palavra deve possuir vida, sentido, estética. Nisso resulta também a contação de

---

---

contos, lendas, mitos etc., que possui a vitalidade a qual deve existir no educador, que conta a história, como na criança, que recebe os conteúdos das palavras pronunciadas e cria, por conta própria, suas imagens. “Na prática diária, isto significa que o professor Waldorf deveria contar histórias que sabe de cor, justamente porque decorar significa que ele passa por um processo de vivificar a narrativa em si mesmo, significa que ele sabe pelo coração, “*du coeur*”, pelo próprio sentimento” (BACH JR.; MARIN, 2012, p. 25).

Encontramos nas atividades artísticas duas polaridades, que se complementam: a individualização e a socialização. As atividades plásticas-pictóricas vêm a contribuir para o processo de autonomia, de identidade, individualizante; e as atividades poético-musicais carregam as forças da comunhão, fomentando a vida social. Nesse sentido, a arte trabalhada na Pedagogia Waldorf carrega as possibilidades de integração entre o ser humano, individual, espiritual, e o mundo, generalizado, múltiplo. Todas as suas formas de expressão desempenham um valor inestimável à alma humana, na medida em que todos os artífices utilizam os sentidos: visão, audição, tato, olfato. A fala, o movimento, os sentimentos e as sensações possuem um sentido elevado para o desenvolvimento da individualidade humana que se expressa. As mãos são conduzidas como dádivas divinas, de modo que compreendem a objetivação da criação humana. A fala, por sua vez, possui a grande tarefa de trazer os grandes mistérios da vida, onde os contos e lendas trazem à criança, por meio de imagens, conteúdos morais, que somente possuem seu valor através de uma fala poética. “A fala sofre, atualmente, uma servidão à abstração, unicamente como transportadora de informação intelectual, como transmissora de pensamentos. Mas a palavra poetizada não só contém quadros do mundo, como também panoramas dos sentimentos” (BACH JR.; MARIN, 2012, p. 28).

Estes são os aspectos valorizados no trabalho artístico do ensino Waldorf. Desenvolver o sentido artístico significa atribuir o olhar grandioso para tudo o que se vive no cotidiano; quando trabalha-se desta forma, abre-se uma gama de possibilidades à criança para ela se expressar na vida, da maneira como lhe convém no momento, a partir do que vier a sentir, tornando-a livre em sua expressão de maneira saudável. Partindo deste ponto, enfatizamos a importância em se trabalhar esses atributos com as crianças do segundo setênio, cujas desenvolverão seu corpo astral, fonte da vida afetiva, de uma maneira estética, ou seja, desenvolvendo o sentimento adequado para aquilo que é belo, verdadeiro e bom.

De acordo com esta visão o aluno é preparado para ser um artista, no sentido de encarar seu papel no mundo com os olhos de um artista, buscando a bondade, a beleza e a verdade com esse olhar. Esta é a definição schilleriana de ser artista, ou de ser educado esteticamente (ROMANELLI, 2016, p. 183).

Dessa forma, da educação estética, com o sentido artístico no segundo setênio, encontramos jovens mais alicerçados em ideais. Os sentimentos e a visão artística trabalhados neste período

---

produzem necessidades maiores e mais elevadas no setênio seguinte; o jovem desenvolve-se integralmente, não permanecendo a mercê dos sentidos físicos e impulsos inferiores de sua alma. “A necessidade que a criança do segundo setênio tem de vivenciar o mundo de forma estética, transforma-se a partir da puberdade, início do terceiro setênio, em necessidade de ideais” (BACH JR.; MARIN, 2012, p. 27).

A Arte se insere na Pedagogia Waldorf a partir do olhar para o ser humano abarcando tudo o que vem ao seu encontro como possibilidades, e, ao mesmo tempo, tudo o que o ser humano carrega consigo enquanto individualidade. O sentido artístico está em conseguir observar cada criança encontrando os impulsos trazidos consigo e suas possibilidades para seu desenvolvimento, promovendo, na atividade artística, saúde, ou seja, a força sanadora de suas fraquezas.

### **Considerações finais**

Apresentamos de maneira reduzida algumas reflexões sobre a Arte no ensino Waldorf. Nesta perspectiva, para que se compreenda o papel da Arte no ensino é necessário desenvolver um sentido, o artístico, pois, para conhecer o mundo não basta apenas a experiência e a razão; é necessário o aspecto o qual faz o elo entre esses dois aspectos. Vemos na Arte esta possibilidade pelo fato de que este elo ainda não é realidade, é necessário ser criado. Uma contribuição para esta criação, portanto, está nas práticas artísticas da Pedagogia Waldorf.

Encontramos nesta perspectiva uma concepção de Arte que permeia todo o ser humano. Não se trata da eficiência ou resultado das atividades artísticas, mas, sobretudo, das vivências que elas proporcionam. Pois, se é necessário ao espírito humano o retorno à sua natureza individual e universal, arquetípica, e não há uma realidade pronta para isto, torna-se uma necessidade humana a criação dessas vivências artísticas, na medida em que permitem o contato com as próprias forças criadoras, desenvolvendo o conhecer, de si próprio e do mundo, gerando forças integradoras.

Encontramos ao longo do desenvolvimento cultural da humanidade uma Arte contemplativa e embriagada de forças filosóficas, como vemos no povo grego, que vai emancipando-se da imagem primordial, abrindo os “olhos” para o humano, o humano terrestre. A partir de então, a Arte vem sendo uma forma de expressão da vida religiosa do ser humano, do terrestre com vistas ao divino compreendido pelo Cristianismo Medieval.

Disto resulta em um irremediável afastamento destas forças primordiais, desenvolvendo, em contrapartida, a compreensão daquilo que se apresenta sobre o plano terrestre, manifestado em uma Arte fundamentada em conceitos, geométricos por exemplo, alcançando a periferia da Ciência. Deste modo, podemos ver uma Ciência ganhando forma e conteúdo a partir da Arte. Na atual época, portanto, fazemos jus a essa emancipação, oferecendo todos os créditos do desenvolvimento ao conceito e intelecto, ou seja, à Ciência. Esse paradigma está ancorado em todos os ramos da nossa



vida.

Na Educação, a ferida na qual sofremos a dor é a fragmentação, o ensino intelectualizado fragmenta a realidade; o conceito separa. Por isso, a Arte na Pedagogia Waldorf traz essa função restauradora. Promover o elo entre a consciência e a matéria, entre o espírito e a natureza. Além do conhecimento do mundo, promove forças curativas, sanadoras. O papel da Arte no ensino Waldorf é restaurar o potencial humano, criador de novas realidades.

Encontramos em Steiner uma recuperação desta ordem sanadora da ferida cultural, de modo que resgatando a teoria goetheana sobre a Arte, soube utilizá-la para a fundação da Arte de Educar. Goethe reanimou a disposição artística para acessar o reino das ideias, onde só é possível acessar ao ultrapassar o campo dos sentidos físicos, devolvendo aos conteúdos percebidos pelos sentidos o seu conteúdo ideal, ou seja, a sua origem divina.

Portanto, acreditamos que atingimos o sentido de expor essas ideias, uma vez que trouxemos, de modo sucinto, a questão da Arte como fundamento para colocar os conteúdos ideais (ou divinos) no âmbito das percepções dos sentidos. Isto gera para o campo da Educação uma inestimável riqueza, pois o que é a Educação senão desenvolver a humanidade, e, dentro desta perspectiva, devolver a humanidade integral, a qual nos foi roubada, ao menos em parte, através dos caminhos evolutivos aos quais a cultura humana vem trilhando. No entanto, compreendemos que este é um assunto complexo, justamente por sua enorme riqueza, admitindo, assim, que este é apenas um fomento à reflexão sobre o tema.

## Referências

BACH JR. J.; MARIN, A. A. *A Educação Estética na Pedagogia Waldorf: o imaginário e a paisagem interior*. Interfaces da Educação, Parnabaíba, v. 3, n. 8, pp. 19-34, 2012.

BARROS, J. D. *Arte é coisa mental: reflexões sobre o pensamento de Leonardo da Vinci sobre a arte*. Revista Poiésis, n. 11, p. 71-82, nov. 2008.

CARDOSO, G. M.; ZÁPHAS, R. *A Arte no processo educacional da rede pública: Análise de possíveis contribuições da Pedagogia Waldorf para a Arte-Educação*. Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, v. 7, n. 1 – pág. 670-685. Abril, 2021.

CARUSO, F. *Arte, Física e Geometria no Renascimento*. Centro Brasileiro de Pesquisas Científicas, CS-004/10, p. 2-10, October, 2010.

CASSIMIRO, E. S. *et. al. As concepções de corpo construídas ao longo da História Ocidental: da Grécia Antiga à Contemporaneidade*. Revista Eletrônica Metavóia, São João del-Rei, n. 14, 2012.

HENRIQUES, F. *Da gênese Geométrica na Composição Artística – Âmbito e Perspectiva Histórica*. Convoc Revista de Ciências da Arte. (FBAUL) Dossiê temático Arte e Geometria, n. 3, set./2016.

LIMA, C. B. *Pedagogia Waldorf: A Arte como mediação no processo de ensino-aprendizagem*. V CONEDU Congresso Nacional de Educação. Anais. Pernambuco, 2018. Disponível em: [http://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO\\_EV117\\_MD1\\_SA17\\_ID4705\\_25072018192054.pdf](http://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA17_ID4705_25072018192054.pdf)

MARTINS, M. O.; STOLTZ, T. *A gratidão, o amor e o dever: a proposta Waldorf*. In: LEPRE, R. M.;

ALVES, C. P.; BATAGLIA, P. U. R.; ARRUDA, A. C. J. Z. *Desenvolvimento Moral e Educação em Valores: Estudos e Pesquisas*. Bauru, SP: Gradus Editora, 2021.

MEDEIROS, A. C. *O ideal de Beleza na Escultura Grega: Reflexões sobre as acepções formais construídas pela sociedade grega*. Revista Principia, n. 23, 2011.

NUNES, R. A. da C. *As Artes Liberais na Idade Média*. Revista de História – Ano XXVI, No. 101, p. 4-23, Janeiro-Março, 1975.

PENEDA, J. *Kandinsky: da Teosofia à Bauhaus*. Convoc Revista de Ciências da Arte. (FBAUL) Dossiê temático Arte e Geometria, n. 3, set./2016.

ROMANELLI, R. A. *Procedimentos artísticos no ensino Waldorf*. Rev. Fac. Educação (Universidade do Estado de Mato Grosso), vol. 26, ano, 14, n. 2 p. 177-198, jul/dez 2016.

STEINER, R. *A obra científica de Goethe*. Tradução Rudolf Lanz. São Paulo: Associação Pedagógica Rudolf Steiner, 1980.

\_\_\_\_\_. *O método cognitivo de Goethe: linhas básicas para uma gnosiologia da cosmovisão goethiana*. Tradução Bruno Callegaro, Jacira Cardoso. 2 ed. Atual. São Paulo: Antroposófica, 2004.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia, Arte e Moral*. Tradução Christa Glass. 1º ed. São Paulo: João de Barro editora, 2008.

\_\_\_\_\_. *Arte e estética segundo Goethe: Goethe como inaugurador de uma estética nova*. Tradução Marcelo da Veiga. 4º ed. São Paulo: Antroposófica, 2012.

\_\_\_\_\_. *A educação da criança segundo a Ciência Espiritual*. Tradução Rudolf Lanz. 5º ed. São Paulo: Antroposófica, 2012 a.

\_\_\_\_\_. *A Arte de educar baseada na compreensão do ser humano*. Tradução Maria do Carmo S. Filho Lauretti. 2º ed. São Paulo: Antroposófica: Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2013.

\_\_\_\_\_. *O desenvolvimento saudável do ser humano: uma introdução à pedagogia e à didática antroposófica*. Tradução Rudolf Wiedemann, Rosemarie Schalldach, Jacira Cardoso. 2º ed. São Paulo: Antroposófica: Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2019.

TATSH, F. G., NASCIMENTO, R. C. de S. *Relíquias e relicários na Idade Média: Arte e História*. Revista Mosaico, v. 15, p. 57-66, 2022.